

Aldeias indígenas em Sergipe (séc. 16 e 17)

Francisco José Alves (*)

Para a Prof. Beatriz Góis Dantas,
minha iniciadora na pesquisa
histórica e estudiosa dos índios
sergipenses

A história do tempo inicial da colonização de Sergipe ainda está entremeada de pontos obscuros. São tópicos sobre os quais a escassez de dados dificulta o estabelecimento de alguns aspectos da história da capitania nos primórdios da conquista do território. O mesmo acontece com a história dos indígenas que habitavam Sergipe quando da chegada do conquistador militar, Cristóvão de Barros. Isto ocorre também com a distribuição geográfica dos povos indígenas naquilo que veio a ser o Estado de Sergipe. Neste setor a Arqueologia Histórica prestaria grandes serviços, desfaria mistérios.

Onde se localizavam as aldeias dos índios sergipenses quando da chegada do colonizador? Enquanto não vem a contribuição da Arqueologia Histórica vejamos, à luz dos escassos testemunhos escritos, o que se pode apurar. Vale ressaltar que não são dados positivos, seguros, mas especulações hipotéticas. A história se vale deste recurso quando faltam bases mais seguras, como um expediente auxiliar do historiador. É um expediente auxiliar do historiador. Tomo as cartas de sesmarias editadas por Felisbello Freire, como anexo, em sua *História de Sergipe* (1891). As sesmarias editadas pelo historiador vão de 1594 até 1669. São ricos documentos que fornecem inúmeras informações sobre os primórdios da colonização de Sergipe e estão a precisar uma reedição cuidadosa.

As cartas das sesmarias sergipanas estão pontilhadas de rápidas referências as "taperas", ou seja, antigas aldeias indígenas desabitadas, abandonadas pelos seus moradores primitivos. No caso em questão, as *taperas* resultavam, provavelmente, da fuga dos índios para o interior ou da morte na sangrenta guerra contra o colonizador ou invasor. Um testemunho do início do século 17 (1627) revela que na refrega da conquista milhares de índios foram dizimados. Segundo as suas palavras "mataram mil e seiscentos e cativaram quatro mil". (Salvador, Frei Vicente de. *História do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. Livro IV. Capítulo 20. p. 254).

Isto somente na batalha final, pois o cômputo total da conquista seria bem mais avultado; o saldo sangrento da carnificina.

As sesmarias enfocadas fazem menção a um conjunto de *taperas* espalhadas pelo território sergipano. Os documentos nomeiam: Taioba, Taperoa, Baraúna, Paranaçu, Manilha, Samba e Enforcados. Dentre as sete citadas, quatro tem nomes decididamente tupinambá, ao passo que três recebem denominações em língua portuguesa. É o caso de Samba, Enforcados e Manilha. Estas extintas aldeias estavam localizadas, predominantemente, na costa, as outras estavam sedia-

das no interior, no sertão, distante do mar. Vejamos o que se pode averiguar sobre as *taperas* de nomes tupinambá.

A primeira *tapera* a aparecer nas sesmarias editadas é "*taioba*". O termo, no português atual, nomeia uma erva da família das aráceas, de folhas sagitadas grandes, tubérculo também usado como comestível. É, em síntese, uma planta de folhas comestíveis. Isto é o que informa um dicionário recente. (Houaiss, Antonio e outros. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2659). *Taioba* é o termo de origem tupi introduzido na língua portuguesa em fins do século 16. A palavra, antes da forma atual foi usada de modos variados: "*tajaoba*", "*taioba*", "*tayoba*", "*taióba*", "*tajoba*". Na sesmaria sergipense o vocábulo vem escrito "*tajaoba*". A expressão "*tapera da tajaoba*" parece indicar a abundância da planta no sítio da antiga aldeia indígena. Seu local, conforme Felisbello Freire, era "junto ao rio Poxim". Em 16 de maio de 1596, o capitão-mor Diogo de Quadros concedeu a Miguel Soares de Souza sesmaria no local da aldeia abandonada. (Carta Sesmaria de Miguel Soares de Souza. 16 de maio de 1596. Apud Freire, Felisbello. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 334).

O documento, como de costume, não oferece maiores indicações sobre a localização desta "*Tapera da Taioba*". O petiçãoário dá algumas informações imprecisas, vagas.

Conforme ele, as terras pedidas estão situadas abaixo da banda sul do rio Poxim, onde começa a sesmaria concedida a Domingos Fernandes Nobre de Caminha. Examinando a petição deste sesmeiro, vê-se que suas terras eram na "banda do rio Poxim", junto a uma outra sesmaria já concedida a Manuel Rodrigues situada no rio Poxim, levando o dito rio ao meio. Andamos em círculos impossibilitados de situar com precisão a antiga *taba tupinambá*.

Todavia, um registro topônimo, finalizado em 1914, de autoria de Armindo Guaraná, traz a denominação *Taioba* (bem como sua variante mais antiga "*taxaoba*"). Conforme o autor o topônimo nomeava então coisas distintas no município de Itaporanga: um riacho e um povoado. Provavelmente o nome do riacho passou para o povoado como é freqüente ocorrer. (Guaraná, Armindo. Glossário Etimológico dos Nomes Tupis da Geografia do Estado de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju, V. 3. F. 1-4. p. 297-326, 1916). Ainda hoje existe o riacho e o povoado no município de Itaporanga. Não é descabido ver nesta povoação o sítio da antiga *tapera* do século 17. Eis um ponto a reclamar a investigação arqueológica.

Em seguida vem a *tapera* de "*Taperoá*". No conjunto das sesmarias editadas o topônimo é mencionado duas vezes. No primeiro o escrivão anota "*aldeia da taperagua*", no segundo o mesmo escrivão grifa "*a aldeia que chamão Tepahogua*". Felisbello Freire anotando esta sesmaria "*tra-*

duz" "*tepahogua*" por "*taperoá*" (Carta de Manoel da Fonseca, em 5 março de 1600; Carta de Martin Lopes, em 24 de abril de 1600. Apud: Freire, Felisbello. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 345; 347). Esta anarquia ortográfica não era incomum nos documentos da época. O tupinólogo Teodoro Sampaio (1885-1937) afirma que *taperodá* bem como as variantes *taperabá*, *taperuá*, *taperaguá* é forma contrata de *taper-uara* e significa o morador, o vivente, o habitante das *taperas*. Era este o nome dado pelos índios *tupinambá* às andorinhas. (Sam-

paio, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987. p. 322; Cunha, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico de palavras portuguesas de origem tupi*. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 280; Houaiss, Antonio e outros. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2670).

Tapera e taperaçu figuram do inventário feito por Guaraná no início do século 20. São variantes de um mesmo topônimo e tem o mesmo significado: andorinha ou “viventente das taperas”. O tupinólogo sergipense diz que “taperaçu” é o “nome indígena da aldeia da Água Azeda, em São Cristóvão” ao passo que tapera é um povoado do município de Siriri (Guaraná, Armindo. Glossário Etimológico dos Nomes Tupis da Geografia do Estado de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju, V. 3. F. 1-4. p. 297-326, 1916). Não é desabido ver um taperaçu sancristovense o sítio da antiga tapera tupinambá dos começos do século 17. A “Água Azeda” do oitocentos é hoje a Fazenda Taperaçu produtora da água mineral comercializada com este último nome. A antiga aldeia tornou-se hoje marca de um produto comercial vendido em Sergipe e em estados limítrofes. Fonte do início do século 18 (1724) noticia a existência da igreja de “Nossa Senhora de Nazaré no Itaparaçu”. (França, Gonçalo Soares da. *Dissertações da História Eclesiástica do Brasil — 1724*. Apud: Castelo, José Adenaldo (org.). *O Movimento Acadêmico no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1971. V. 1. tomo 5. p. 291). É de se supor que sobre os destroços da antiga taba os religiosos construíram a sua missão. Restou a velha igreja desafiando o tempo.

A “tapera de Baraúna” é a terceira aldeia abandonada citada no conjunto das sesmarias examinadas. Em agosto de 1602, o capitão-mor Cosme Barbosa concede aos sesmeiros Melchior Maciel e Baltazar Maciel “três léguas de terra em quadro” na margem norte do Cotinguiba, no início da “tapera de guarauna”. (Carta de Melchior Maciel e Baltazar Maciel, em 17 de agosto de 1602. Apud: Freire, Felisbello. *História de Sergipe*.

2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 389). Baraúna é termo de assente procedência tupi. A palavra, conforme especialistas, deriva de dois étimos tupinambá: ibirá=madeira; e una=preta. Tal madeira tem

o nome científico de *melanoxylon barauna*. O termo nativo comporta muitas variações gráficas, conforme o parecer dos peritos: *brauna, brahyna, braúna, baraúna, gunrauna, garauna, graúna, grauna*. (Sampaio, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987. p. 204; Cunha, Antonio Geraldo da. *Dicionário Histórico de Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 74). Aqui, mais uma vez, o nome da aldeia parece apontar para uma das suas características: a abundância da *baraúna*.

O topônimo *baraúna* não aparece no já citado levantamento feito por Armindo Guaraná em 1914. Todavia, nele comparece um outro topônimo que muito provavelmente é mera corruptela ou variante de *baraúna*. O inventário registra *paraúna* designando dois objetos. Um riacho afluente do rio São Francisco e, nos tempos do autor, “a Ilha do Brejo Grande”. (Guaraná, Armindo. Glossário Etimológico dos Nomes Tupis da Geografia do Estado de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju, V. 3. F. 1-4. p. 297-326, 1916). O local *baraúna* ainda existe com mesmo nome. Pois consta em um levantamento dos povoados sergipanos com mais de vinte domicílios, feito em 1987. Está na lista como um dos povoados do município de Brejo Grande, no litoral norte do estado. (*Infra-estrutura Básica dos Povoados de Sergipe*. Aracaju: IESAP, 1988. p. 15).

Por fim, no rol das taperas com nome tupi, temos a velha aldeia de *paranaçu*. O topônimo indígena surge na petição de Brás de Abreu passada em maio de 1623. O sesmeiro pede uns “sobeijos” de terras pelo “rio de Piragohi arriba e ponente até a tapera do Peraasu”. (Carta de Braz de Abreu, em 15 de maio de 1623. Apud: Freire, Felisbello. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 409). Creio que o “Peraasu” do escrivão seiscentista

seja mera variante de *Paranaguaçu* ou *Paranaçu*. Este último é explicado por Teodoro Sampaio como sendo “mar largo, caudal grande, mar undoso”. (Sampaio, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987. p. 295). Felisbello Freire, anotando esta carta, confessa não saber qual era o “rio Piragohi” nem o local da enigmática “Tapera do Peraasu”.

Os nomes dados pelos tupinambá às suas aldeias remetem, como se viu, à aves (Taperaçu); ervas (Taioba); madeiras (Baraúna); e rios (Paranaçu). O universo circundante fornecia a matéria prima da nomenclatura usada para nomear suas aglomerações. Assim fazendo, os tupinambá caracterizavam as suas aldeias pelos seus atributos peculiares. Eram finos nomeadores, porque exímios observadores.

(*) Doutor em História pela UFRJ; Mestre em Antropologia pela UNB e Professor do Departamento de História da UFS. E-mail: fjalves@infonet.com.br